

Alpheus Manghezi

# Trabalho forçado e cultura obrigatória do algodão: O colonato do Limpopo e reassentamento pós-independência c. 1895-1981

Entrevistas 1

First published by Arquivo Histórico de Moçambique, CEA in 2003

Republished in 2012 by the Ruth First Papers Project

[www.ruthfirstpapers.org.uk](http://www.ruthfirstpapers.org.uk)



UNIVERSIDADE  
EDUARDO MONDLANE  
CENTRO DE  
ESTUDOS  
AFRICANOS

*Entrevistas e canções recolhidas por*  
**Alpheus Manghezi**



**TRABALHO FORÇADO E  
CULTURA OBRIGATORIA DO ALGODÃO:  
O COLONATO DO LIMPOPO E O  
REASSENTAMENTO PÓS-INDEPENDÊNCIA  
C. 1895 - 1981**



Arquivo Histórico de Moçambique

*Entrevistas e canções recolhidas  
em 1979-1981  
por Alpheus Manghezi*

**Trabalho forçado e  
cultura obrigatória do algodão:  
O colonato do Limpopo e  
reassentamento pós-independência  
c. 1895–1981**

Guijá, Província de Gaza

Maputo  
Arquivo Histórico de Moçambique  
2003

**Ficha Técnica:**

**Título:** Guijá, Província de Gaza 1895-1977: Trabalho Forçado, cultura obrigatória do algodão, o Colonato do Limpopo e reassentamento pós-independência. Entrevistas e canções recolhidas 1979-1981

**Autor:** Alpheus Manghezi

**Texto da Capa:** David Hedges

**Capa:** António Sopa

**Tradução do Inglês:** Luzidia Felimone

**Revisão:** A. Sopa, G. Liesegang

**Editor:** Arquivo Histórico de Moçambique

**Série:** Documentos 6

**Registo:** INLD: 4078/RLIND/2003

**Tiragem:** 1.500 exemplares

**Impressão:** ML Graphics, Maputo

## PREFÁCIO DO AUTOR

As entrevistas que se seguem foram realizadas durante três visitas de campo à Província de Gaza, organizadas pelo Departamento de História e pelo Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane.

Em Fevereiro de 1979, um grupo de investigação esteve cerca de duas semanas em diferentes distritos da Província, a fazer um levantamento que se centrou principalmente na história do cultivo do algodão<sup>1</sup>. As primeiras duas entrevistas, com Mahawani Khosa e Gabriel Mukavi, foram feitas nesta visita.

Em Maio de 1980, este autor realizou uma nova viagem de campo, cujo objectivo era fazer um levantamento mais generalizado da história colonial e pós-colonial de Gaza. Em parte, o objectivo era aumentar o material existente sobre a história da migração laboral, na sequência do principal estudo sobre o tema realizado pelo CEA durante um trabalho de campo, centrado na Província de Inhambane<sup>2</sup>. Os assuntos tratados durante a visita incluíam excertos sobre: o Império de Gaza; Trabalho Forçado; Migração Laboral para as Minas da África do Sul; introdução da cultura obrigatória do algodão; penetração dos colonos portugueses na área de Chókwè (anos 50), e a distribuição de terras no período pós-colonial. As entrevistas 3-7, com Mindawu Bila, Maria Nqavane, Melisina Nhlongo, Oselina Marindzi e os Anciãos de Guijá foram realizadas durante esta visita.

Em Setembro de 1981, o CEA organizou uma visita de dois dias, com uma equipa de pesquisa constituída por pessoal do CEA e por cientistas sociais visitantes, provenientes da Universidade

---

<sup>1</sup> A equipa, dirigida pelo Prof. Alan Isaacman, que na altura era docente (professor visitante) na Universidade Eduardo Mondlane, incluía também Yussuf Adam e Maria João Homem, então estudantes de História na Universidade, e Salomão Zandamela, do CEA.

<sup>2</sup> Para uma versão revista deste estudo, que contém canções sobre o trabalho migratório e algumas entrevistas longas com mineiros, ver CEA/UEM, *O mineiro moçambicano. Um estudo sobre a exportação de mão-de-obra em Inhambane*, Maputo: CEA/UEM, 1998.

Nacional do Lesotho e da antiga República Democrática Alemã. As entrevistas efectuadas durante esta visita centraram-se principalmente no funcionamento das recentemente criadas estruturas políticas e administrativas, incluindo as cooperativas de produção agrícola nas aldeias comunais. A última entrevista aqui apresentada (entrevista 8) foi efectuada durante esta viagem, e reflecte experiências mais contemporâneas, depois das grandes cheias do Limpopo em 1977, e do início do reassentamento promovido pelo Governo.

À excepção das entrevistas com os anciãos (entrevista 7), que foram realizadas em casa de um deles, todas as outras foram efectuadas em reuniões públicas, em cada aldeia comunal. Tal como era exigido em todo o país, todas as reuniões foram preparadas com antecedência pelas estruturas políticas e administrativas do governo local e pelos Grupos Dinamizadores<sup>3</sup>.

Todos os entrevistados, mulheres e homens, estiveram directa e pessoalmente envolvidos nos eventos históricos que narraram, que revelam uma mistura de orgulho e amargura. As histórias eram muitas vezes contadas de forma animada, com um sentimento intenso, como se os acontecimentos tivessem acontecido apenas “ontem”.

As canções, que eram cantadas no passado como um acto de protesto e desafio contra o opressor colonial, são cantadas ainda hoje, com uma grande firmeza. Contudo, enquanto que as canções usadas como uma arma cultural contra o colonialismo falavam directa e abertamente, as que têm como objectivo comunicar a injustiça ou a desaprovação em relação a certas políticas do governo pós-independência da FRELIMO são muitas vezes tão subtis que é necessário um conhecimento e compreensão da língua e da cultura do povo para entender “a história por detrás da história”<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Os textos dactilografados das transcrições originais em Changane serão depositados no Arquivo Histórico de Moçambique.

<sup>4</sup> Ver a canção “*Tsutsumani ngopfu – Corram, rápido!* no fim da entrevista nº 8, pág. 139

É necessário indicar o contexto mais amplo em que as entrevistas foram realizadas: as entrevistas foram efectuadas depois das fortes cheias de 1977 no sul de Moçambique. Na província de Gaza, uma das consequências foi a aceleração da construção de aldeias comunais, ao abrigo do programa do governo para a socialização do campo. As entrevistas foram realizadas também na altura em que as forças rodesianas estavam a intensificar os seus ataques militares em Gaza.

*Maputo 2001,  
Alpheus Manghezi*

## NOTAS DO EDITOR

O autor utiliza palavras ou frases em “negrito” para exclamações. A entrevista n° 6 com Oselina Marindzi, considerada relevante para a compreensão da situação da mulher, criação de canções e outros assuntos, contrastando com algumas dos homens que transmitem a visão e experiência de uma elite local capaz de dialogar com estruturas coloniais, foi traduzida e introduzida no texto depois das outras, em 2003. Ela aparece também numa fotografia. Faltam para esta os textos originais das canções em changana.



## AGRADECIMENTOS

O autor gostaria de exprimir o seu agradecimento e demonstrar a sua apreciação aos seguintes pelo seu encorajamento e apoio prático na preparação deste documento:

Ao Dr. David Hedges, do Departamento de História da UEM, que constituiu uma tábua de ressonância intelectual durante o tempo de investigação, facilitou o acesso à assistência financeira ao autor permitindo uma visita a UEM e executar os trabalhos preparatórios para publicação;

Ao Dr. Joel das Neves Tembe, Director do Arquivo Histórico, que demonstrou tanto apoio intelectual como prático, incluindo o texto nas publicações do AHM;

Ao Dr. Gerhard Liesegang, cujo conhecimento da história de Moçambique permitiu fornecer ao autor algumas dicas sobre o que se passou no sul de Moçambique, incluindo algumas notas e bibliografia no processo da revisão;

Ao doutor António Sopa, documentalista do AHM, o autor agradece a localização de alguma documentação, e a realização da capa;

À doutora Lusidia Felimone que traduziu o texto com atenção a pormenores menos claros;

Finalmente à população de Guijá e aos principais informadores identificados, às equipas de trabalho que vieram de Maputo, e a outros que ajudaram no trabalho.

*Maio de 2003*

*A. Manghezi*

## ABREVIATURAS

AHM - Arquivo Histórico de Moçambique

CAIL - Complexo Agro-Industrial do Limpopo

OMM - Organização da Mulher Moçambicana

PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Polícia Secreta Portuguesa, no tempo de Marcelo Caetano foi rebaptisada como DGS, Direcção Geral de Segurança.

# **ENTREVISTAS**

## MAHAWANI KHOSA

[Nasceu em 1894]

---

Entrevistado por Alpheus Manghezi (e Salomão Zandamelà), Guijá, Fevereiro de 1979.

---

Nota do Editor: *Guijá, conhecido no tempo colonial também por Caniçado e em ca. 1964-1974 como Vila Alferes Chamusca, foi estabelecido na margem esquerda do rio Limpopo perto da antiga residência de Gidja, um primo de Ngungunyane, que fugiu para o Transvaal em 1897. Foi a partir de Caniçado que se administrou grande parte da área do Colonato do Limpopo até à formação do Concelho do Limpopo com sede em Vila Trigo de Morais [antiga (até 1964) Vila de Guijá e hoje Chòkwé] nos anos 60. Por isso as entrevistas transmitem também algumas experiências da margem direita do rio Limpopo, que se encontrava na mesma Circunscrição ou Concelho (que corresponde ao actual Distritos de Chòkwè).*

*Entrevistador:* Mahawani Khosa, gostaríamos que nos dissesse alguma coisa acerca da sua vida?

*Khosa:* Nasci em 1894, foi esse o ano em que nasci.

*Ent:* Onde é que nasceu - nesta área?

*Khosa:* Nasci nesta área, no tempo em que ainda havia aqui *ngunis* fixados.

*Ent:* Quer dizer que os *ngunis* ainda dominavam esta área?

*Khosa:* Sim, os *ngunis* ainda dominavam, mas em 1895 os brancos chegaram e capturaram Ngungunhana. Alguns anos depois da sua captura, cerca de três anos se não me engano – a minha memória trai-me muito [estes dias]; sim, então veio a guerra de Maguiguane. Os brancos lutaram contra Maguiguane e finalmente mataram-no. Passaram-se alguns anos até que os brancos começaram a reorganizar o país – abrindo serviços públicos. Eles fizeram isso depois da morte de Maguiguane [1897]. O governo dos brancos introduziu o imposto, prendeu-nos e enviou-nos para o xibalo (trabalho forçado), que fizemos até recentemente.

*Ent:* O que é você fazia quando era jovem?

*Khosa:* Eu cuidava de gado. Mais tarde comecei a fazer trabalho remunerado, andando de um patrão branco para outro à procura de trabalho.

*Ent:* Onde é que trabalhou?

*Khosa:* Em Mpfumu [Ka-Mpfumu, Lourenço Marques], mas não me lembro dos anos que trabalhei lá. Eu fazia serviço doméstico, lavando roupa e louça - isto é o que eu tinha de fazer. Também servia refeições à mesa dos brancos.

*Ent:* Qual era o seu salário?

*Khosa:* Eu recebia uma libra esterlina, “equivalente” a 100\$00 (escudos) por mês. Trabalhei 18 meses para uma família e depois fui para as alfândegas<sup>2</sup> durante uma semana como *lasher* – carregando carvão. Eu recebia apenas uma libra por mês, mas só fiquei lá seis meses antes de deixar e ir para os Caminhos de Ferro.

*Ent:* O que é você que fazia nos Caminhos de Ferro?

*Khosa:* Fazíamos a manutenção da linha férrea. Trabalhei aqui durante três anos, ganhando 450\$00. Depois disso voltei para casa para descansar.

*Ent:* Durante o tempo em que trabalhava em Lourenço Marques ia de vez em quando a Gaza?

*Khosa:* Nunca visitei a minha casa durante todos os cinco anos que fiquei a trabalhar em Lourenço Marques.

*Ent:* Havia trabalhadores do *xibalo* quando trabalhava nos Caminhos de Ferro?

*Khosa:* Havia muitos! Eles vinham de diferentes partes do país: de Moamba, Inhambane, Gaza, etc.

*Ent:* O que é que fazia durante as suas férias aqui em casa?

*Khosa:* Depois das férias fui para as minas da África do Sul.

*Ent:* Em que ano foi isso?

*Khosa:* Foi em 1915.

*Ent:* Como é que viajou para a África do Sul?

*Khosa:* Fui a pé. Viajei a pé e apanhei o comboio em Ximowini [no “imbondeiro”].

*Ent:* Caminhou a pé até ao Norte do Transvaal?.

*Khosa:* Sim, eu fiz todo o percurso até lá. Caminhei até Massingir e atravessei a fronteira. Então apanhei o comboio que passava por

---

<sup>2</sup> N.E.: Talvez melhor: uma empresa de estiva (ou a empresa de Portos e Caminhos de Ferro).

Zoekmekaar, onde me juntei a outros que tinham vindo no comboio de Pafúri. Apanhámos o nosso comboio num lugar chamado Ximowini.

*Ent:* Foi sozinho de casa até ao Norte do Transvaal?

*Khosa:* Eu estava na companhia de outros trabalhadores.

*Ent:* O que é que aconteceu depois de chegarem à África do Sul?

*Khosa:* Quando lá chegámos, eu fui ao governo [posto de recrutamento da Wenela], e de lá fui enviado para trabalhar em Randfontein.

*Ent:* Quantos contratos cumpriu nas minas?

*Khosa:* 8 anos. Primeiro trabalhei no subsolo e depois na superfície.

*Ent:* Quanto é que recebia?

*Khosa:* Eu recebia duas libras e dez xelins por mês na perfuração, sem nenhum pagamento de horas extraordinárias - não trabalhei muito tempo nesta secção porque o trabalho era demasiado pesado para mim - eu dificilmente conseguia perfurar um buraco por dia, por isso fui autorizado a trabalhar na superfície depois de apresentar um pedido de transferência. Aqui recebia três libras e dezassete xelins. Contudo, fiquei aqui apenas seis meses antes de me mandarem de volta para o subsolo, onde eu fazia *lashing*.

*Ent:* Voltava para casa de férias no fim de cada contrato?

*Khosa:* Não, trabalhei sete anos consecutivos nas minas antes de regressar para casa.

*Ent:* Nessa altura ainda não se tinha casado?

*Khosa:* Ainda não me tinha casado. Casei-me quando regressiei. Depois disso, voltei novamente para as minas, mas desta vez não fiquei muito tempo porque tinha que pensar na minha mulher em casa.

*Ent:* Onde é que trabalhou desta vez?

*Khosa:* Em Benoni.

*Ent:* E quanto tempo ficou lá?

*Khosa:* Apenas um ano e meio. Depois de voltar para casa pela segunda vez dediquei-me à agricultura.

*Ent:* Comprou gado e uma charrua com o dinheiro das minas?

*Khosa:* Não com o dinheiro das minas - comprei algum gado com o dinheiro que ganhei em Moçambique.

*Ent:* Voltou depois para as minas para outro contrato?

*Khosa:* Nunca mais voltei para a África do Sul até hoje.

*Ent:* E sobre o cultivo de algodão em Gaza – como é que a cultura obrigatória do algodão foi introduzida aqui?

*Khosa:* Não me lembro do ano em que o algodão foi introduzido.

*Ent:* Conte-nos a história da cultura obrigatória do algodão mesmo que não se lembre do ano em que foi introduzida pela primeira vez?

*Khosa:* Quando o algodão foi primeiramente introduzido em Gaza, era produzido pelos machambeiros.

*Ent:* Os machambeiros?

*Khosa:* Os machambeiros que tinham charrua.

*Ent:* Esses eram grandes agricultores negros?

*Khosa:* Sim, eles foram os primeiros a produzir algodão, e durante algum tempo foram os únicos. Mas mais tarde todos nós fomos forçados a cultivar algodão. Eles mandaram-nos a todos nós produzir algodão, e nós trabalhávamos com as nossas próprias mãos (usando enxada). Nós cultivávamos, sachávamos, colhíamos e vendíamos o algodão.

*Ent:* Quem disse aos machambeiros para cultivar algodão?

*Khosa:* Foram os encarregados do algodão.

*Ent:* Quem eram estes encarregados do algodão?

*Khosa:* Era o Governo.

*Ent:* Porque é que o governo pediu primeiro aos machambeiros e não a todos para cultivarem o algodão?

*Khosa:* Porque a lei exigia que só os machambeiros com charruas deviam produzir algodão. Contudo, quando perceberam que não se obtinha dinheiro suficiente se a produção continuasse a ser feita apenas por um pequeno número de machambeiros, decidiram então que toda a gente devia cultivar algodão.

*Ent:* Todos os machambeiros aceitaram voluntariamente cultivar algodão quando lhes foi exigido que o fizessem, ou foi necessário usar alguma força para os obrigar?

*Khosa:* Não conheço nenhum machambeiro que tenha sido forçado a cultivar algodão. Nós fomos os únicos que fomos obrigados a produzir algodão usando a enxada. Eles tiveram que prender-nos e mandar-nos para as machambas, e faziam isso em nome da lei decretada em Lourenço Marques.

*Ent:* Como receberam as orientações de que deviam cultivar algodão?

*Khosa:* Chamaram-nos para uma reunião onde nos disseram que dali em diante todos tinham de cultivar algodão.

*Ent:* Quem vos convocou para a reunião?

*Khosa:* Foi o governo.

*Ent:* Através dos régulos?

*Khosa:* Foi o governo dos brancos.

*Ent:* Através dos régulos?

*Khosa:* O quê? Os nossos chefes\* e régulos foram simplesmente mandados transmitir as directivas ao povo, de que dali em diante tínhamos de nos dedicar à produção de algodão.

*Ent:* O que é eles realmente disseram às pessoas?

*Khosa:* Eles vieram e disseram: “É necessário algodão. Vêm o algodão que os machambeiros estão a produzir? Eles estão a ganhar muito dinheiro com isso. Vocês também devem dedicar-se ao cultivo de algodão a fim de ganharem dinheiro para pagar os vossos impostos.”

*Ent:* Que mais vos disseram?

*Khosa:* Não nos disseram mais nada. Começámos então a cultivar algodão porque não podíamos recusar as ordens.

*Membro do Grupo Dinamizador:* Papá Khosa, eu gostaria de acrescentar algo sobre o que você disse. Quando os machambeiros receberam ordens para produzir algodão, os que possuíam charruas eram ainda muito poucos. Os machambeiros eram aqueles que tinham charruas e, nesta área, podiam contar-se pelos dedos de uma mão – talvez um pouco mais. Quando o algodão foi introduzido pela primeira vez, as autoridades decidiram que estes indivíduos é que se deviam dedicar ao cultivo de algodão. Cada um deles lavrou uma área de 100 m<sup>2</sup>,<sup>3</sup> tendo produzido algodão durante duas épocas. Na terceira, chegou um homem de Lourenço Marques chamado Soares. Ele foi ao régulo Mbeki, acompanhado pelo administrador, para falar com todas as pessoas, que tinham sido informadas para comparecerem

---

\* N.T.: – *Chefe* – Posto na hierarquia tradicional colonial que também se designava por *chefe de terra* ou *cabo de terra*.

<sup>3</sup> N.E.: A maneira comum de indicar um hectare (100 x 100m).



a uma reunião, e toda a “terra” estava presente. O Soares disse: “O algodão é uma cultura muito importante e se o cultivarem poderão ganhar dinheiro para os vossos impostos. Se se dedicarem à produção de algodão não terão sequer que ir para as minas na África do Sul, e as vossas mulheres ficarão felizes.” Durante a reunião, um homem chamado Muthema Ubisse foi preso e batido com palmatória por ter colocado algumas dúvidas sobre a utilidade de se cultivar algodão quando disse: “se alguém cultivar algodão apenas recebe como pagamento uma pequena quantia, uma vez por ano e no fim da colheita. Eu sou um trabalhador emigrante e ganho um (melhor) salário. Se (eu deixar de ir às minas e) me envolver no cultivo do algodão, não serei capaz de alimentar e vestir-me a mim mesmo e à minha família.”

O algodão é muito difícil de cultivar. Depois da colheita, tinha de ser classificado em categorias, primeira e segunda, mas quando se ia vender podiam dizer que não estava devidamente classificado. Depois disso ainda podiam dizer que o saco pesava apenas 30 Kg (em vez de 100 Kg?), e pagar só 100\$00, de onde deduziam o dinheiro do imposto; nos dias de mercado, o branco da administração estava presente para recolher o dinheiro do imposto no local. Foi quando o governo se apercebeu de que o número de machambeiros com charrua era demasiado pequeno que tornou obrigatório o cultivo do algodão para todos. Dali em diante, todos – homem ou mulher – foram obrigados a cultivar meio hectare de algodão. Foi assim que foi introduzida a cultura obrigatória do algodão nesta área, e isso foi em 1942, em que toda esta terra foi obrigada a produzir algodão.

*Ent:* (para o membro do Grupo Dinamizador): Obrigado pela sua contribuição. Voltemos agora para Mahawani Khosa: As pessoas aceitaram as ordens transmitidas na vossa zona pelo Soares?

*Khosa:* Todos nós aceitámos porque vimos que todos os que tinham charrua já tinham aceite. Nós que não tínhamos charrua [também] cultivámos algodão, e eles disseram que desta maneira poderíamos ganhar dinheiro para pagar os impostos. Eles disseram-nos ainda que se cultivássemos algodão não necessitaríamos de ir para as minas porque obteríamos tudo o que necessitássemos em casa. Começámos o cultivo do algodão, mas compreendemos logo que isso ia criar-nos grandes problemas, pois tínhamos que cultivar algodão e milho

ao mesmo tempo. Tínhamos que sachar as machambas de algodão e de milho ao mesmo tempo, e isso era difícil, ou mesmo impossível. Não havia nada a fazer a esse respeito senão tentar trapacear, i.e., em vez de irmos tratar da machamba de algodão, como se esperava que fizéssemos, íamos para as nossas machambas de milho. Mas isso trouxe-nos mais problemas porque, quando o supervisor do algodão vinha para a machamba de algodão e via que não estávamos, ele sabia que podíamos estar no campo de milho; ele seguia-nos até lá e batia-nos, dizendo: “porque é que você não toma conta da sua machamba de algodão...?” Nós respondíamos: “Eu tive que ir sachar a minha machamba de milho porque aquela é a minha comida.” Ele batia-nos e dizia: “nunca mais faça isso, não é permitido; o algodão está em primeiro lugar.” Apesar de tudo, continuávamos com o cultivo do algodão porque éramos forçados.

*Ent:* Quantas mulheres tinha nessa altura?

*Khosa:* Uma.

*Ent:* Você e a sua mulher cultivavam cada um a sua machamba de algodão?

*Khosa:* Nós tínhamos só uma machamba.

*Ent:* De que tamanho era?

*Khosa:* Tinha 50 m x 50 m.

*Ent:* Você e a sua mulher trabalhavam juntos nesta machamba?

*Khosa:* Sim.

*Ent:* Teve, alguma vez, problemas com o capataz por ter abandonado a machamba de algodão para ir tratar do seu milho?

*Khosa:* Um dia ausentei-me da minha machamba de algodão para ir sachar a machamba de milho, porque **o milho é o meu estômago, não o algodão!** Se eu tivesse que despender todas as minhas energias a tratar do algodão eu havia simplesmente de morrer de fome, porque as ervas daninhas destruiriam o milho. O capataz bateu-me.

*Ent:* Bateram-lhe lá mesmo na machamba?

*Khosa:* Sim, justamente lá na machamba.

*Ent:* O capataz estava sozinho ou na companhia de outros?

*Khosa:* Ele estava sozinho.

*Ent:* A sua mulher estava presente quando ele lhe bateu?

*Khosa:* Ela estava na machamba de algodão.

*Ent:* Qual foi a sua reacção a esta agressão? Defendeu-se?

*Khosa:* Haa! Você podia lutar com o “rei”? Eu nem tentei ripostar.

*Ent:* Com que é que ele lhe bateu?

*Khosa:* Bateu-me com um chamboco [chicote feito de pele de hipopótamo].

*Ent:* Quantas chicotadas lhe deu?

*Khosa:* Duas, sabe que dois ou três golpes é muito!

*Ent:* Depois deste castigo, não voltou a cometer outra vez o “crime”?

*Khosa:* Não, nunca mais voltei a negligenciar a minha machamba de algodão.

*Ent:* Portanto, essa foi a única vez que foi punido?

*Khosa:* Sim.

*Ent:* Conhece pessoas na sua área que, devido à cultura obrigatória de algodão, tenham decidido abandonar as suas casas e viver numa outra zona distante, longe do alcance desta lei?

*Khosa:* Isso aconteceu apenas em Magude, onde as pessoas souberam dos problemas do cultivo de algodão que estávamos a ter, porque nós aqui fomos os primeiros a ser forçados a cultivá-lo antes de se fazer qualquer tentativa para se introduzir a cultura obrigatória lá. Quando enviaram ordens para Magude para que todas as pessoas começassem a fazer o cultivo de algodão, os chefes e régulos chamaram a população para uma reunião, onde se tomou a decisão de resistir. Nós soubemos que a estratégia deles foi aceitar as sementes de algodão distribuídas e fervê-las antes de serem plantadas, para que não germinassem.

*Ent:* De acordo com o que ouviu, onde é que foram realizadas estas reuniões – em público ou em segredo?

*Khosa:* As reuniões foram realizadas em segredo.

*Ent:* As autoridades portuguesas nunca descobriram nada sobre estas reuniões nem souberam que as sementes tinham sido fervidas?

*Khosa:* Não sei.

*Ent:* Houve pessoas que tentaram ferver as sementes em Guijá – nesta área?

*Khosa:* Não, mas nós tentámos exigir melhores preços pelo algodão.

*Ent:* Qual foi o resultado disso?

*Khosa:* As pessoas reclamaram e mostraram que o dinheiro da

produção de algodão era muito pouco, e que ainda por cima, grande parte do que ganhavam era absorvido pelos impostos. O agricultor ficava virtualmente sem nada no bolso no fim do ano agrícola. As pessoas reclamaram tantas vezes até que o preço do algodão foi aumentado e, embora fosse ainda muito baixo, mesmo assim era melhor que nada.

*Ent:* As reclamações foram feitas individualmente ou as pessoas organizaram-se e apresentaram as suas exigências? Fizeram algumas reuniões para discutir este problema por forma a apresentar uma frente unida perante as autoridades do algodão?

*Khosa:* As discussões foram secretas, e quando as pessoas chegaram a um acordo, o assunto foi levado às autoridades do algodão. Nessa altura, elas falaram com uma única voz, dizendo às autoridades que o preço era demasiado baixo.

*Ent:* Durante quantos anos esteve envolvido na cultura obrigatória de algodão?

*Khosa:* A cultura obrigatória do algodão começou em 1932.

*Ent:* Foi em 1932 – ou em 1942?

*Khosa:* 1932 foi o ano em que os que tinham charrua começaram a cultivar algodão, e em 1942 a cultura obrigatória generalizou-se pela primeira vez. Nós produzimos algodão até 1950 e, depois disso, o cultivo do algodão começou a declinar até que foi cancelado.

*Ent:* Como é que finalmente se pôs fim à cultura de algodão?

*Khosa:* Isso aconteceu porque as pessoas concluíram que não tinha nenhum benefício para elas, tendo reclamado que não podiam sustentar as suas famílias com o que ganhavam com o algodão. Elas referiram que isso era a causa directa da fome porque viam o seu milho a morrer devido às ervas daninhas, enquanto eles gastavam as suas energias a trabalhar nas machambas de algodão. Por isso, optaram por deixar de cultivar algodão, visto não lhes trazer nenhum benefício.

*Ent:* Agora, Mahawano Khosa, pode contar-nos alguma coisa sobre o *xibalo*, visto que deve ter testemunhado o fenómeno na sua área?

*Khosa:* Este é um assunto muito longo.

*Ent:* Faça um resumo do que sabe acerca do *xibalo*.

*Khosa:* O *xibalo* é um assunto muito longo porque começou a partir

da altura em que os brancos puseram os pés em Moçambique. Eles prendiam-nos e obrigavam-nos a trabalhar a troco de nada. Eles prendiam alguém, faziam-no trabalhar duramente, batiam-lhe e pagavam-lhe 100\$00 por mês. Nós sofremos durante muitos, muitos anos e só muito recentemente é que o *xibalo* terminou. O *xibalo* e a palmatória vieram ao mesmo tempo e já acabaram.

*Ent:* Você esteve no *xibalo*?

*Khosa:* Eu estive duas vezes no *xibalo*.

*Ent:* Onde é que foi o seu primeiro *xibalo*?

*Khosa:* Fiz o meu primeiro *xibalo* em 1923; isso foi em 1923.

*Ent:* Por que é que foi levado para o *xibalo*?

*Khosa:* Como eu era filho do chefe da área, nós tínhamos a responsabilidade de fornecer homens da nossa zona para o *xibalo* sempre que o administrador necessitasse. Era nossa responsabilidade persuadir os homens, ou a irem “voluntariamente”, ou a serem presos e entregues às autoridades. Eu não fui capaz de fornecer os homens solicitados, por isso tive de ir eu mesmo para o *xibalo*.

*Ent:* Você é filho de um chefe?

*Khosa:* Sim, o Chefe Khosa. Eles levaram-me para Nghululeni, em Xinavane, na plantação de açúcar. No fim do meu contrato de *xibalo* regresssei à minha terra para descansar mas, antes mesmo de me instalar, veio uma nova ordem para fornecer um outro grupo de trabalhadores para o *xibalo*. Tive o mesmo problema – não consegui os homens exigidos, e desta vez fui enviado para Chibuto, para cumprir *xibalo*.

*Ent:* Que tipo de trabalho fez em Chibuto?

*Khosa:* Trabalhei na machamba de um branco, cultivando a terra. Em Xinavane, o nosso trabalho era cortar e carregar cana-de-açúcar nos vagões. Depois de acabarmos esse trabalho, ensacávamos o açúcar na fábrica. O trabalho no *xibalo* era diferente do cultivo de algodão porque não nos batiam.

*Ent:* E quanto à comida, que tipo de comida recebiam?

*Khosa:* Farinha e couve, mas não era suficiente para comer.

*Ent:* Quanto tempo duraram os contratos de *xibalo* em Xinavane e em Chibuto?

*Khosa:* Estive seis meses nos dois lugares.

*Ent:* Quanto dinheiro trouxe para casa?

*Khosa:* Trouxe 600\$00. Eles pagavam-nos 100\$00 por mês e, nas duas ocasiões, o administrador deduziu 300\$00 para o imposto, deixando-me com 300\$00 para levar para casa.

*Ent:* O que é que produzia o agricultor branco em Chibuto?

*Khosa:* Produzia milho, batata e feijão.

*Ent:* Havia muitos trabalhadores do *xibalo* a trabalhar consigo em Chibuto?

*Khosa:* Muitos – havia cerca de dez trabalhadores do *xibalo*.

*Ent:* Qual era o nome desse agricultor?

*Khosa:* Ele chamava-se Capela, Eduardo Capela<sup>4</sup>.

*Ent:* Houve alguma greve dos trabalhadores do *xibalo* durante o tempo em que trabalhou em Xinavane?

*Khosa:* Não, não houve greves em Xinavane enquanto eu trabalhei lá.

*Ent:* Quando foi para lá ouviu falar de alguma greve que tivesse acontecido?

*Khosa:* Não.

*Ent:* E na machamba do Capela?

*Khosa:* Não havia conflitos.

*Ent:* As pessoas trabalhavam felizes?

*Khosa:* Como é que uma pessoa podia trabalhar feliz estando no *xibalo*? As pessoas reclamavam porque estavam a sofrer (embora não exprimissem as injustiças por que passavam).

*Ent:* Como é que você e o seu pai não conseguiram juntar o número de homens que era solicitado na vossa área para o *xibalo*?

*Khosa:* Nós tínhamos muita população, mas as pessoas fugiam e escondiam-se quando se faziam rusgas para o *xibalo*. As pessoas não queriam ir para o trabalho forçado, e por isso desapareciam quando se precisava delas.

*Ent:* Você era o único filho do seu pai?

---

<sup>4</sup> N.E.: Eduardo Dias Capela, dono de várias cantinas [lojas] nas duas margens do Limpopo, com sede em Mohambe no limite com o Guijá, criador de gado e agricultor e até ca. 1970 também dono de uma pequena empresa de transportes então vendida a empresa Oliveiras.

*Khosa*: Eu tinha irmãos, mas eram demasiado pequenos para o *xibalo*. Eu era o primeiro filho e, por isso, o único suficientemente adulto para ir para o *xibalo*.

*Ent*: Depois de receber a solicitação do administrador para fornecer um certo número de homens para o *xibalo*, o que é faziam depois, como é que abordavam as pessoas?

*Khosa*: Íamos à casa de cada pessoa e pedíamos-lhe para vir para o *xibalo* e, se ela recusasse, voltávamos para casa de mãos vazias, sabendo que teríamos nós próprios que ir para o *xibalo*.

*Ent*: Quando foi levado para Xinavane foi por não ter conseguido o número de homens solicitado ou porque não conseguiu nenhum?

*Khosa*: Eu não consegui nenhum.

*Ent*: Quantos homens tinham sido solicitados?

*Khosa*: Como o meu pai era apenas um *nganikani* [subchefe/*nduna* do chefe<sup>5</sup>], sob as ordens do chefe Mahuhu, eles pediram-lhe apenas um homem da nossa área; um seria de Masekani e outro de Xipetani. Mesmo ao próprio Chefe Mahuhu pediram para fornecer apenas um homem. Eu não consegui fornecer um homem da nossa área e tive que ir eu próprio para o trabalho forçado, tendo acontecido o mesmo quando veio a solicitação seguinte e tive que ir para Chibuto.

*Ent*: Na sua opinião, o que era mais difícil entre o *xibalo* e o cultura obrigatória de algodão?

*Khosa*: O *xibalo* era mais difícil.

*Ent*: Poquê?

*Khosa*: Porque uma pessoa era presa para o *xibalo* e, no meu caso, eu fui para o *xibalo* simplesmente por não ter conseguido encontrar um homem para mandar para lá. O *xibalo* estava sempre presente – podia haver rusgas em qualquer dia, todas as semanas e todos os meses. O *xibalo* foi a coisa mais terrível que alguma vez nos aconteceu nesta área.

*Ent*: Disseram que por causa do *xibalo* muitas pessoas foram para as minas na África do Sul e nunca mais voltaram para Moçambique. O que é que diz sobre isso?

---

<sup>5</sup> Aportuguesado “enganacana”.

*Khosa:* Há muita gente que deixou a sua terra para sempre.

*Ent:* Onde é que essas pessoas se foram fixar?

*Khosa:* Elas foram para outras terras [outras partes de Moçambique] onde a população era mais densa e havia melhores possibilidades de escapar às rusgas. Pelo menos, uma pessoa podia descansar entre um contrato e outro, enquanto as rusgas do *xibalo* lançavam as suas redes noutra sítio qualquer. Era possível, em algumas áreas, uma pessoa ficar seis meses ou mesmo um ano sem ser levada para o trabalho forçado. Deste modo, os homens podiam deixar-se estar sentados e meditar: se eu tivesse partido e me fixado na área do régulo tal e tal, eu estaria melhor.

*Ent:* Era possível uma pessoa ser presa mesmo com o imposto desse ano pago?

*Khosa:* Eles prendiam as pessoas mesmo que provassem que tinham pago o imposto mostrando os recibos. Alguns homens iam esconder-se no mato e só regressavam à casa apenas para levar comida ou quando tinham a certeza de que as rusgas tinham passado para a aldeia seguinte.

*Ent:* Em certas áreas, levavam mesmo rapazes para o *xibalo*, como aconteceu, por exemplo, em Manjacaze. Aconteceu isso na sua zona?

*Khosa:* Eles aqui só prendiam adultos. Contudo, quando se introduziu a cultura obrigatória do algodão pela primeira vez em Moamba, alguns rapazes foram levados para ajudar na colheita.

*Ent:* Moamba foi então a primeira zona onde se produziu algodão antes de esta cultura ser introduzida no Guijá?

*Khosa:* Sim.

*Ent:* Eles vieram buscar rapazes aqui no Guijá?

*Khosa:* Sim, vieram.

*Ent:* Como é que levavam os rapazes?

*Khosa:* Eles vinham e conversavam com o pai, dizendo que o filho tinha sido chamado para ir ajudar na colheita do algodão, e então levavam o rapaz.

*Ent:* Eles levavam o filho mesmo se o pai recusasse o pedido?

*Khosa:* Como é que uma pessoa podia recusar sabendo que a solicitação tinha vindo das autoridades?

*Ent:* Eles pediam a permissão deles?



*Khosa:* Eles pediam, mas faziam o pedido **numa posição de poder; eles eram os governantes, não eram? Isto não era *xibalo*? Ha, Ha, Ha!**

*Ent:* Os pais não perguntavam para que é que eles iam levar o seu filho e que tipo de trabalho lhe iam dar para fazer?

*Khosa:* A pessoa podia perguntar.

*Ent:* O que é que diziam?

*Khosa:* Eles diziam que o filho ia fazer trabalho para crianças, e que receberia de acordo com a sua idade [e por conseguinte não havia nada com que se preocupar].

*Ent:* Essas crianças eram levadas apenas para a colheita de algodão, ou davam-lhes outro tipo de trabalhos para fazer?

*Khosa:* Não sabemos, diziam-nos que eles iam ajudar na colheita do algodão.

*Ent:* Quantos meses é que estas crianças tinham que trabalhar.

*Khosa:* Seis meses, o mesmo que no *xibalo* para os adultos.

*Ent:* Quanto recebiam?

*Khosa:* 50\$00 por mês, e os adultos recebiam 100\$00.

*Ent:* As crianças falavam sobre as suas experiências quando regressavam à casa?

*Khosa:* Algumas diziam que lhes batiam quando se “portavam mal” e quando eram “preguiçosas”.

*Ent:* Mahawani Khosa, estamos-lhe gratos por tudo o que nos ensinou hoje.

## GABRIEL MUKAVI

[Nasceu em 1901]

---

78 anos de idade, entrevistado por Alpheus Manghezi, Guijá, 16 de Fevereiro de 1979.

---

*Mukavi:* Chamo-me Gabriel Mapeswa Mukavi. Nasci aqui em Guijá, em Nkwinika, na zona do régulo Hlomani. Nasci no tempo da Guerra Anglo-Boer, logo no início, em 1901. O meu pai estava na África do Sul; eu nasci justamente na altura em que ele regressou à casa. Eu era pastor – na minha infância, eu tomava conta de cabritos aqui na minha terra, Guijá. Em 1911 fui para Magude e fiquei em Antioka com os meus avós. Em 1913, os meus avós começaram a frequentar a escola nocturna em Antioka. Dan Malugani acabava de voltar de Ricatla para trabalhar como professor. Eu então acompanhava os meus avós à escola nocturna, para aprender qualquer coisa. Depois de algum tempo, os meus avós voltaram para a África do Sul e eu deixei de ir para a escola porque não podia ir sozinho à noite.

*Ent:* Quanto tempo ficou na escola?

*Mukavi:* [Até ter] cerca de treze ou catorze anos. Não se aprendia nada de valor na escola (nesse tempo). Eles ensinavam apenas na nossa língua materna. Em Magude tornei-me pastor, e tomava conta dos bois do meu avô. Depois de 1917 fui para Lourenço Marques à procura de emprego, tendo conseguido arranjar um trabalho onde aprendi a cozinhar.

*Ent:* Lembra-se quanto é que ganhava como cozinheiro?

*Mukavi:* Eu recebia 75\$00 por mês como aprendiz de cozinheiro. Mais tarde, em 1920, como cozinheiro com experiência, ganhava 200\$00, em moedas de ouro e não em notas. Em 1920 voltei para a minha terra [Guijá]. Como tinha tomado consciência da importância da educação, decidi voltar para Antioka para estudar. Isto foi no mês de Outubro.

Em 5 de Novembro de 1920 fui nadar no Rio Incomáti na companhia dos meus amigos. Era de dia, e nós descemos ao Incomáti para nadar. Aí um crocodilo apanhou-me. Havia uma árvore grande que tinha

caído à água (mas não tinha sido arrastada), e quando o crocodilo me apanhou, agarrei-me a um dos ramos da árvore, segurando-me firmemente. Tive a sensação de que minha perna estava na boca de uma poderosa armadilha. Larguei o ramo, achando que se não fizesse isso, a minha perna partir-se-ia, (com um ar de quem está a recordar o passado), como se tivesse preferido perder a vida do que partir uma perna. Eu larguei o ramo e o crocodilo puxou-me.

Eu pensava nos meus pais, implorando que Deus estivesse com eles – eu era o seu único filho. O crocodilo deixou-me nadar para longe, mas pensei que ele podia seguir-me porque (dizia-se) se um crocodilo larga uma pessoa no meio da água, de certeza que a vai seguir, mas este crocodilo não me seguiu. Não gritei por socorro quando tudo isto aconteceu, por isso os meus companheiros – Izap Malungani, Artur Malungani, Josefa Mandhongwe e outros, não sabiam o que estava a acontecer até eu sair do rio e desmaiar. Desmaiei porque ... olhe para aqui [Mukavi dobrou uma perna das calças e mostrou uma cicatriz enorme e feia na sua perna].

*Ent:* Estas são as marcas deixadas pelos dentes do crocodilo!

*Mukavi:* É mesmo esta perna e estes são os “dentes” do crocodilo. Apenas o osso ficou intacto, mas as veias estavam cortadas, e eu tive que ser carregado do sítio onde tinha desmaiado até lá acima, em Antioka. Lá encontrei uma mulher suíça, a *Miss Suzanne* (esqueci-me do apelido)<sup>2</sup>, que tratou de mim com muito cuidado e carinho (e apontando para a perna) – **ela cuidou desta perna!** Por me ter tratado com muito cuidado e carinho, eu sobrevivi. Eu não pude trabalhar durante todo o ano devido a este ferimento, mas depois voltei para a cidade à procura de trabalho. Mas, mesmo assim, como eu era cozinheiro, tinha que trabalhar muitas vezes com a perna apoiada numa cadeira. Contudo, foi este crocodilo que me permitiu encontrar a *Miss Suzanne*, caso contrário não a teria conhecido. Depois de eu sair de Antioka para Lourenço Marques ela também foi transferida para Manjacaze, e foi de lá que ela se lembrou de mim.

---

<sup>2</sup> N.E.: Suzanne Emery, enfermeira, natural de Neuchâtel, Suíça, em Moçambique 1920-25, cf. Linder 2001:273.

Em Lourenço Marques eu trabalhava para uns franceses, e a *Miss* Suzanne descobriu que eu trabalhava para esta família. Quando ela veio de Manjacaze visitá-los, nós tornámo-nos irmãos. Depois de trabalhar durante um ano para esta família francesa, arranjei trabalho numa outra família também francesa, cujo marido era gerente da Companhia do Boror. Nessa altura eu já era um cozinheiro com muita experiência. Um ano mais tarde, esta família foi-se embora, e uma outra (também) francesa veio pedir-me para ir trabalhar para eles, tendo eu aceite a oferta.

Durante esse ano, a “*Miss*” (da história) do crocodilo lembrou-se de mim e escreveu-me uma carta em que dizia, “... Gabriel Mukavi, tens que pensar em ir para a escola de Ricatla. Eu vou pagar e vou ajudá-lo (porque) será útil ao seu país”. Ela disse ainda que, embora a Missão tivesse poucos fundos, não permitiria que isso me desanimasse. Eu não concordei com esta proposta porque, como referi, eu era o único filho da minha mãe. Se aceitasse a oferta e fosse para Ricatla, isso significaria uma vida instável para mim no futuro, visto que teria que andar de um lado para o outro, até mesmo de uma terra para outra (como evangelista), e o dinheiro que eu ganharia nesse trabalho de missionário não seria suficiente para eu sustentar os meus pais. Nessa altura a minha mãe ainda estava viva, mas em Outubro desse ano ela morreu subitamente sem sequer adoecer. Quando recebi a notícia da sua morte, conclui que Deus tinha-me chamado para trabalhar para ele, e por isso decidi ir para Ricatla.

Deram-me três meses para participar nas cerimónias fúnebres da minha mãe, mas depois de um mês em casa, os meus patrões chamaram-me para ir retomar o meu trabalho, dizendo que a pessoa que eu tinha pedido para me substituir temporariamente não os satisfazia. Quando voltei para o serviço, os meus patrões ofereceram-me um contrato de cinco anos e disseram-me que, depois desse período, eles iriam deixar Moçambique definitivamente e regressar à Suíça, e que durante esse tempo não queriam outro empregado negro em casa. Eles mostraram-me que (com um trabalho seguro) eu poderia guardar dinheiro para gastar com a minha futura mulher, e que poderiam oferecer-me dinheiro para o lobolo e para as despesas

do casamento. Nessa altura eles pagavam-me 300\$00 por mês em moedas de ouro.

Um contrato de cinco anos, pensei! Mas havia a proposta da “Miss” (Suíça)! Bem, eu não podia, e não aceitei o contrato de cinco dos meus patrões porque Deus tinha-me chamado (para trabalhar para Ele). Eu pensei (seriamente) no dinheiro do lobolo que obteria e na mulher com quem me casaria, por um lado, e na minha mãe, por outro. Cheguei à conclusão de que a minha mãe, “cuja morte me havia libertado”, era mais importante que o dinheiro e, por conseguinte, devia ir para Ricatla. Quando informei os meus patrões sobre a minha decisão, eles “choraram”. Mas eu nasci no Guijá e não tinha tido nenhuma instrução.

Fui para Ricatla no primeiro período escolar, onde fui admitido, enquanto que outros, que eram mais qualificados do que eu, foram rejeitados. Depois dos exames do primeiro período, alguns dos que tinham obtido melhores resultados do que eu foram mandados embora, enquanto que eu tive permissão para ficar e continuar com os meus estudos. Um dia o director de Ricatla chamou-me e disse-me: “Mukavi, nós temos consciência de que você não tem as qualidades académicas necessárias para o curso, e o seu rendimento, até aqui, não tem sido bom. Contudo, achamos que é sensato mantê-lo aqui porque *há qualquer coisa em si*, vemos que existe algo no seu futuro”. Então, ajoelhámo-nos e rezámos. Eu continuei a estudar durante mais quatro anos. Depois disso, assumi a responsabilidade pela classe de catecismo, o *Serviço das Três Horas*, que era realizado aos domingos no Khovo.

Trabalhei aqui durante alguns anos, tendo sob minha responsabilidade todas as crianças das províncias de Lourenço Marques e Gaza. Eu leccionei nesses serviços da tarde durante os anos 29, 30, 31, 32, 33, antes de ser transferido para Ncovo, em Magude – de volta à terra dos meus avós – onde trabalhei agora como evangelista. Como a minha mãe tinha morrido, o meu pai veio viver comigo, porque não desejava voltar a casar. Mas, quando o meu pai adoeceu, ele decidiu que queria morrer no Guijá, na terra dos seus antepassados – não queria morrer em Magude. Eu compreendi isso muito bem, e acompanhei-o para Guijá, onde faleceu pouco depois. Eu próprio

decidi posteriormente ficar no Guijá, minha terra, e a Missão permitiu-me fazer o meu trabalho lá. Durante o tempo em que fiz este trabalho viajei por toda a zona.

Depois do nascimento do meu filho (Luís), o subsídio da Missão Suíça já não chegava, uma vez que tinha que o meter na escola, e mais tarde enviá-lo para o liceu. Por isso, decidi dedicar-me à produção agrícola a fim de complementar o subsídio da Missão Suíça. Quando mais tarde a Missão tentou transferir-me para outra zona, declinei polidamente, referindo as minhas responsabilidades de criar e educar os meus filhos. A Missão compreendeu o meu problema e decidiu deixar-me em paz, mas cortou o subsídio que eu recebia. Como agora estava por minha conta, decidi dedicar todas as minhas energias à produção agrícola.

*Ent:* Produzia para vender?

*Mukavi:* Sim, eu produzia para vender.

*Ent:* O que é que produzia?

*Mukavi:* Eu produzia feijão; produzia algodão. Eu produzia algodão para vender, por forma a pagar as propinas na escola. As coisas eram muito difíceis nesse tempo porque os portugueses não queriam que os nossos filhos tivessem instrução, mas nós conseguimos educá-los – eu eduquei os meus filhos, e alguns franceses ajudaram-me nisso. Quando a Missão Suíça deu conta de que o meu filho agora estava longe de casa, voltou a solicitar-me que eu me encarregasse da pregação noutra zona, mas eu recusei. Eu estava agora a tomar mais consciência do que os colonialistas portugueses estavam a fazer no meu país – eu estava a ganhar interesse e a sentir uma certa atracção pela actividade política, e queria juntar-me aos meus compatriotas que estavam a lutar e a ser presos pelos colonialistas: eu queria lutar pelo meu país.

Comecei (a minha actividade política) em 1947 quando os padres (missionários católicos) levaram os nossos filhos e puseram-nos a trabalhar nas machambas que pertenciam à igreja, e que tinham sido criadas para produzir algodão. Fui eu que comecei a levantar a questão na nossa área depois de consultar os anciãos de Hlomani<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> N.E.: A forma portuguesa do nome deste regulado é Chomane.

A primeira acção que decidimos pôr em prática foi impedir que usassem as nossas enxadas, e recusámos dá-las às crianças quando os padres pedissem para serem usadas nas suas próprias machambas. Mas os chefes não ficaram entusiasmados com esta ideia – eles tinham medo das consequências que tal acção poderia trazer.

Este foi o início das minhas actividades políticas; este foi o primeiro caso. O tempo passou, e estávamos agora a entrar nos anos 50. Em 1958, a lei do *xibalo* era muito mais rígida e as exigências para que os chefes fornecessem trabalhadores para o *xibalo* eram feitas quase semanalmente. As pessoas eram regularmente chicoteadas nas machambas devido à cultura obrigatória do algodão, e as mulheres eram levadas para as machambas de algodão mesmo se fossem encontradas a cozinhar.

Nesta altura decidi consultar apenas alguns dos nossos anciãos, e juntos analisámos a situação. De novo abordámos os chefes e os régulos, mas eles não colaboraram connosco, à excepção de alguns, nomeadamente os régulos Hlomani e Eduardo Nkuna<sup>4</sup>, que concordaram em levar as nossas reclamações ao administrador, tendo solicitado uma reunião entre ele e os anciãos. O administrador prometeu reunir-se com os anciãos no seu regresso do Xai Xai, mas nunca honrou esta promessa. Como não tinha a certeza se o pedido para a reunião tinha sido realmente transmitido ao administrador, enviei quatro anciãos para saber o que ele tinha para dizer. Os anciãos foram, mas acabaram por ser maltratados pelo administrador, que os expulsou rudemente lembrando-lhes que ele lidava apenas com os chefes ou régulos e não com pessoas ordinárias como eles. Ele insultou-os e envergonhou-os.

Costumávamos reunir-nos aqui, nesta minha cabana, que agora caiu. Quando os quatro anciãos regressaram do encontro com o administrador, encontrámo-nos aqui com o resto do grupo de anciãos. Os quatro anciãos estavam zangados, assustados e humilhados com o tratamento que tinham recebido do administrador. Decidi que este

---

<sup>4</sup> N.E.: O regulo Hlomani era possivelmente Conjane [abaixo p.....: Khondlani] Efraimo Chomane[Hlomani] Zitha. Eduardo Nkuna era em 1968-9 um dos três regulos moçambicanos no Conselho Legislativo da Província de Moçambique.

tinha que ser novamente abordado, e que nessa altura eu acompanharia a delegação de anciãos e sofreria juntamente com todos. Isto foi durante o mês de Setembro (1958).

*Ent:* Qual era o nome do administrador?

*Mukavi:* O nome dele era V. da Silva, Adriano V. da Silva. A delegação de anciãos foi ver o administrador, mas ele não nos recebeu, embora nos tivesse mandado esperar. A mesma delegação foi pela segunda vez, e desta vez o administrador disse: “Quero falar apenas com o Gabriel Mukavi; deixem-no vir ao meu gabinete.” Eu disse-lhe que (talvez) devia ter pedido para falar comigo (a sós) ontem, ou mesmo antes, mas não estava preparado para falar com ele agora. Pedi-lhe para sair do seu gabinete e falar com todos ao mesmo tempo. O administrador rejeitou o meu pedido, e chamou-me três vezes para entrar e falar com ele sozinho. Eu recusei. Alguns chefes aconselharam-me a obedecer e entrar e falar com ele, pois receavam que eu me envolvesse em problemas por desafiar a autoridade. Eu disse aos anciãos que o administrador não era um governante (legítimo) mas um criminoso, e que nós, os anciãos, estávamos ali precisamente por causa disso. Contudo, por fim o administrador saiu para a varanda do seu gabinete e nós dirigimo-nos a ele. Mas quando lhe coloquei o nosso caso, ele ficou muito zangado. Eu disse-lhe que nós, as pessoas que naquele momento estavam à frente dele, éramos mais importantes que a sua mulher e filhos, e que esta era a razão por que ele deixou Portugal para vir para África. Disse-lhe que ele veio para África por causa das pessoas que ele estava agora a ignorar e a desprezar.

Estas observações enfureceram o administrador, que ameaçou mandar-nos para a cadeia. Ele perguntou, gritando, se algum de nós conhecia a palmatória. Alguns dos anciãos responderam que, de facto, tinham apanhado com palmatória, mas todos nós permanecemos firmes.

*Ent:* Quantos anciãos estavam presentes dessa vez?

*Mukavi:* Havia cerca de 30 anciãos. Tinham vindo todos os chefes do Guijá. O administrador escolheu o dia 4 de Dezembro para uma reunião pública em que seria permitido aos chefes apresentar as suas queixas. No dia 4 de Dezembro, os chefes de Massingir, Maba-



lane e de outros lugares vieram e a reunião realizou-se. Escolhi um ancião de cada um dos lugares representados para explicar as injustiças que acontecem na sua área.

Uns queixaram-se da palmatória devido à cultura obrigatória do algodão e outros referiram que os agricultores brancos tinham posto para seu exclusivo os reservatórios que o governo tinha construído para o uso dos proprietários de gado africanos, criando desta maneira problemas para o nosso gado. Outros queixaram-se ainda das exigências da administração de fornecer semanalmente trabalhadores para o *xibalo*.

Fui o último a falar e disse: vocês, os administradores, não honram as normas do governo português em Moçambique porque abusam do poder que vos foi dado, causando, deste modo, sofrimento no país. Como resultado disso, os portugueses já não são bem vindos em Moçambique, não há lugar para vocês em Moçambique. O administrador ficou furioso, mas continuei: há moçambicanos que não voltam para casa por causa do medo do *xibalo*, preferindo viver permanentemente na África do Sul. Quando os seus contratos nas minas terminam, em vez de voltarem para casa, eles viajam no máximo até à vila de Graskop<sup>5</sup>, onde assinam novos contratos e continuam a trabalhar. Estas pessoas não regressam à casa com medo do *xibalo*. Havia muito sofrimento no país. Tudo foi anotado, **mas nós não conseguimos causar impressão.**

De Janeiro a Março não houve nenhuma palavra sobre a reunião, e começámos a duvidar se as nossas reclamações teriam sido remetidas para as autoridades superiores. Contudo, no mesmo dia em que a reunião foi realizada, a 4 de Dezembro, tínhamos mandado secretamente três ou quatro anciãos para consultar um advogado em Lourenço Marques.

*Ent:* Vocês enviaram esses anciãos?

*Mukavi:* Eles foram enviados por nós, para pedir a um advogado que levasse as nossas queixas ao Governador Geral, para ele tomar conhecimento dos problemas do Guijá.

---

<sup>5</sup> No Transvaal Oriental, na África do Sul, agora Província de (Phumalanga?).

*Ent:* Vocês enviaram estes anciãos sem conhecimento do administrador.

*Mukavi:* Ele não sabia que tínhamos enviado alguns anciãos para Lourenço Marques.

*Ent:* Lembra-se do nome desse advogado?

*Mukavi:* Não me lembro do seu nome; ele era das Canárias [Ilhas]<sup>6</sup>. Temos que perguntar a outras pessoas que nos podem ajudar a recordar o seu nome.

*Ent:* Foi o Karel Pott?

*Mukavi:* Não, não foi o Karel Pott. Conheci o Karel Pott quando vivia em Lourenço Marques. Esse advogado ajudou-nos (muitas vezes) porque ele gostava dos negros, foi desta maneira que o conhecemos. O nosso caso foi assim apresentado ao Governador Geral de Moçambique. Passado algum tempo, o administrador foi chamado a Xai Xai, onde recebeu ordens para apresentar os documentos da reunião de 4 de Dezembro. Ele voltou para vir buscar esses documentos que nunca tencionara enviar para as autoridades. Sempre que os chefes iam perguntar se os documentos já tinham sido remetidos, o administrador dizia-lhes que só seriam enviados depois de ele efectuar uma cuidadosa investigação sobre as sérias alegações feitas pelos anciãos.

Sentimos que tínhamos vencido desta vez porque o nosso caso tinha sido aceite e estava a ser considerado a nível nacional. Já começavam a manifestar-se alguns melhoramentos – houve algum abrandamento na aplicação do *xibalo* e na cultura obrigatória do algodão: as pessoas já não eram batidas nas machambas e na construção de estradas, e houve um abrandamento geral na aplicação do recrutamento para o *xibalo*.

*Ent:* Em que ano foi isso?

*Mukavi:* Isso foi em 1958 (1959). Quando entrámos no ano de 1959, não nos avistámos mais com o administrador. Ele tentou arranjar formas de me meter em problemas mas não conseguiu. E, como o nosso caso estava agora nas mãos do Governador Geral, o

---

<sup>6</sup> Mais provavelmente canarim (goês)? Havia bastantes indianos cristãos com formação em direito em Moçambique.

administrador tinha que ser mais cuidadoso. Ele não me disse nada de 1959 a 1961. Em 1962 (1961) começou a guerra na Índia e os portugueses foram derrotados em Goa. Este acontecimento permitiu que eu e o administrador nos avistássemos mais uma vez porque, depois da derrota dos portugueses, pedi aos anciãos para irmos fazer uma manifestação em apoio à Índia. Contudo, os anciãos tinham medo e não quiseram fazer a manifestação proposta.

Decidi ir sozinho ter com o administrador e apresentar as minhas “condolências” a Portugal. Não me lembro da data porque não tomei nota, mas lembro-me que era uma quarta feira. Foi numa quarta feira porque sabia que as pessoas não costumavam trabalhar nesse dia à tarde, e por isso eu podia encontrar o administrador sozinho no seu gabinete; e, de facto, ele estava lá.

Falei sobre a situação na Índia, referindo que o Governo Português tinha feito muito bom trabalho naquela terra (Goa); que os portugueses ensinaram muito (capacidades úteis) aos goeses: os primeiros “chefes do Caminho de Ferro” eram goeses; os primeiros médicos “não brancos” que alguma vez vimos eram goeses. Mas, (disse), achamos surpreendente que hoje os portugueses tenham sido expulsos da Índia “Sinto muito por isso.”

O administrador estava muito satisfeito nesse dia. Perguntou-me quais eram, na minha opinião, as causas (da expulsão dos portugueses), mas prosseguiu respondendo à sua própria pergunta: “Mukavi, os americanos estão por detrás disto; os russos estão detrás; e os chineses também. São esses povos que estão por detrás desta agitação e exigem uma Índia unida. Esses são os povos que estão por detrás de tudo isto.”

Quando lhe perguntei se era realmente essa a razão, o administrador disse “Sim, de facto!” Eu disse então que o senhor administrador devia lembrar-se que estes povos (americanos, russos e chineses) ainda não tinham terminado a sua agitação. Assim que acabassem de incitar os indianos e o povo de Damão, eles podiam vir para África fazer o mesmo. A observação causou-lhe um rude choque e subitamente ele compreendeu o verdadeiro objectivo da minha visita ao seu gabinete. Ele ficou vermelho, e nós separámo-nos (sem mais nenhuma formalidade).

*Ent:* Ele disse alguma coisa depois disso?

*Mukavi:* Não disse mais nada e nós separámo-nos. Em 1963 chegaram novidades sobre a guerra em Angola. As novidades sobre Angola e outros países africanos chegavam até nós.

Então, um dia, o administrador pediu-me para ir vê-lo à sua casa. Isso foi no dia 18 de Agosto de 1963. Ele disse que me tinha chamado porque queria perguntar-me uma coisa.

O administrador perguntou-me então: “Qual é a sua opinião acerca da confusão e desordem a respeito da independência “nacional” que estamos a ouvir sobre alguns países?”

Eu disse: Senhor Administrador, quem sou eu para ter uma opinião. Não sou ninguém, e não estou em posição de perceber todas estas questões complexas; estão fora do meu alcance. Terá que me perdoar porque realmente não compreendo estes assuntos.

O administrador jurou imediatamente, dando a sua palavra de honra, que não tencionava mandar-me prender (por qualquer coisa que eu dissesse). Quando eu mantive a minha posição, ele jurou pela segunda e terceira vez. Quando ele deu pela terceira vez a sua palavra de honra de que não tencionava meter-me em sarilhos, eu disse o seguinte:

Todos vocês, os brancos que governaram África, falharam. Existe conflito e confusão porque vocês vieram para África por um motivo errado. Justamente porque, quando chegaram aqui pela primeira vez e nos encontraram a vestir peles e sem habitações adequadas, vocês consideraram-nos bestas de carga que podiam trabalhar para vocês, para os vossos filhos e para os vossos bisnetos. Tudo isso está a acabar, Senhor Administrador. Quando vieram para África, transformaram-nos em escravos, e é por isso que o Senhor [dos Céus] está agora a condenar-vos. Vocês vieram para África por motivos errados e são culpados. Não vou falar da situação nas outras terras porque não sei nada sobre isso, mas posso falar sobre Gaza. Qual era a situação quando vocês chegaram a Gaza, no tempo de Ngungunhana? Foi fácil para vocês capturá-lo porque fizeram-no na ausência de Maguiguane, que tinha ido “consultar” os ancestrais e procurar comida para o exército. Depois da captura de Ngungunhana oprimiram sistematicamente o povo, usando soldados ango-

lanos, que andavam de casa em casa a obrigar as nossas mulheres a lavarem-lhes os pés.

O Maguiguane então apareceu e mobilizou o exército nguni em Ncayi Ncayi (Xai Xai), que o seguiu para Phafula [Pafúri], onde Maguiguane lutou até morrer<sup>7</sup>. Depois disso, indicaram alguns de nós, os donos da terra, para serem chefes ou régulos, enquanto os ngunis dispersavam-se e desapareciam. Isto é o que vocês, os portugueses fizeram, mas também deixarão esta terra da mesma maneira que os ngunis fizeram. Depois de os ngunis partirem, vocês prenderam Mhongo e Maphophe e baniram-nos. Os ngunis, sob o domínio de Mpisane<sup>8</sup>, atravessaram os Montes Libombo e fixaram-se em Pessane, enquanto que nós, os donos desta terra, permanecemos aqui. Vocês começaram a promover costumes retrógrados na nossa cultura, e eram ainda esses aspectos negativos da nossa cultura que vocês diziam que tinham vindo destruir. Vocês pensaram que nós aceitaríamos tudo sem resistir, e que Deus vivo nunca teria conhecimento do nosso sofrimento, mas Deus vai apoiar a nossa luta.

E agora, Senhor Administrador, a menos que os portugueses façam o que os belgas, os franceses e os britânicos fizeram, permitindo [às suas colónias] tornarem-se independentes e desenvolverem-se a si próprias, nunca vão ganhar este país pela força das armas.

Ele [o administrador] disse: “Mukavi, você está a enganar-se a si próprio. Você está a enganar-se a si próprio, Mukavi. Veja, quando os americanos “descobriram” Mondlane e perceberam que ele era uma pessoa muito inteligente, eles disseram para si próprios: agora encontramos alguém através de quem podemos roubar Moçambique! Porquê? (Bem), eles sabiam que Moçambique tem riqueza [mineral] porque os engenheiros americanos tinham estado aqui a fazer pesquisas. Os americanos assinaram um contrato para vir fazer mais pesquisas em Moçambique quando descobriram 29 minerais diferentes no país. Nenhum destes minerais foi extraído. Moçambique, do Rovuma ao Maputo, é muito rico.

---

<sup>7</sup> N.E.: Maguiguane (Magigwane Khosa) morreu em Mapulanguene ao noroeste de Magude em 1897.

<sup>8</sup> Tio de Ngungunhane.

O administrador disse (então): Não tente confundir-me. Não me diga que os russos, os americanos e os chineses virão para aqui ajudar-vos – eles virão aqui por causa dos minerais.

Quando perguntei ao administrador se havia chineses e americanos (nas ex-colónias britânicas) depois de esses países ficarem independentes, ele disse que nós não podíamos esperar tornarmos governantes (se os portugueses se fossem embora), porque eles (os russos, chineses e americanos) sabiam que o país é muito rico. Pareceu-me que o administrador estava ciente do que estava a acontecer lá longe (algures em África), e eu disse-lhe então que se nos dessem a nossa independência não iríamos lutar mas, caso contrário, podíamos ir pedir apoio aos russos, chineses, etc. Foi isto que eu disse ao administrador, e este foi o fim do nosso contacto, uma vez que pouco depois ele foi transferido para Mueda.

*Ent:* Quando é que ele foi transferido?

*Mukavi:* Em 1964. O administrador era da Silva. Ele regressou de Lourenço Marques [um dia] e chamou-me para me dizer que o Governador Geral tinha-o transferido para Mueda porque ele era considerado uma pessoa calma e paciente. Eu disse-lhe que ele devia ter confiança no seu Deus. Contudo, a sua calma e paciência não serviram de nada, uma vez que não foi capaz de convocar e presidir nenhuma reunião pública em Mueda. Lá não havia paz, e ele não foi capaz de convocar reuniões como costumava fazer aqui. Mas logo depois da sua chegada (a Mueda), adoeceu e foi transferido para Matola. Ele veio uma vez a Chókwè e perguntou por mim, para me contar o que tinha visto em Mueda. Não vou entrar em detalhes sobre isto porque levaria muito tempo.

*Ent:* Estamos gratos pelo que nos contou, mas há outras coisas que gostaríamos de saber de si. Quando é que começou a cultivar algodão?

*Mukavi:* Comecei a cultivar algodão nas minhas machambas em 1947. O cultivo do algodão já tinha iniciado quando regresssei de Antioka; comecei em 1947, com meio hectare. Nós éramos mobilizados e recebíamos instrumentos para cultivar – emprestavamos charruas para o cultivo do algodão.

*Ent:* Quem lhe pediu para participar no cultivo do algodão – começou

voluntariamente por ver que os outros estavam a fazê-lo, ou alguém disse-lhe para começar a semear algodão?

*Mukavi*: Disseram-nos para cultivar – informaram-me que tinha de fazer isso, porque eu não estava muito interessado em produzir algodão. Foi um *capataz* chamado Monteiro de Barros quem me disse para cultivar algodão. Ele veio aqui à minha casa – ele era o *encarregado do algodão*<sup>9</sup>, e veio à minha casa informar que eu devia começar a cultivar algodão. Nós recebíamos 1\$50 por Kg; isso é o que eles nos davam pelo nosso algodão. Sim, nós cultivávamos algodão, mas depois começou-se a usar muita força, o que causou grandes conflitos na região quando se tornou claro que o algodão não era nosso. O algodão já não nos pertencia. Então eles começaram por distribuir um hectare (a cada chefe de família), mas quando eles iam a uma casa e encontravam cinco mulheres, davam meio hectare a cada uma para cultivar algodão, e o chefe de família recebia um hectare.

*Ent*: Quantas mulheres é que tinha?

*Mukavi*: Só tenho esta (apontando para uma senhora sentada). Esta era a minha machamba – aqui em volta da casa. Sim, de facto, cultivávamos o algodão, enquanto que o milho era negligenciado porque é muito difícil semear algodão e milho ao mesmo tempo. O algodão tem de ser sachado (pelo menos) três vezes, e isso (cultivo do algodão) criou muitos conflitos.

Nós cultivámos algodão, e em 1948 veio o *Governo do Sul do Save*; dali em diante Gaza deixou de ser administrada a partir de Inhambane<sup>10</sup>, ficando sob o controlo do Governador do Sul do Save. O (novo) Governador veio fazer uma visita aqui à administração, e foi nesta ocasião que, juntamente com alguns anciãos, comecei a tentar mandar uma mensagem para o Governador, informando sobre os problemas

---

<sup>9</sup> António Monteiro de Barros, Agente de Propaganda da Algodoeira do Sul do Save.

<sup>10</sup> A Província do Sul do Save já existia antes de 1948, sendo governado por um intendente, enquanto que o Governador do Sul do Save estava em Lourenço Marques, onde substituiu muitas das vezes o Governador Geral. Parece que a partir de 1948 Gaza foi administrada por um intendente e depois governador a partir de Xai-Xai.

ligados ao cultivo do algodão. A reclamação devia-se ao facto de o cultivo do algodão exigir muito trabalho e o preço pago, 1\$50, ser insignificante. O Governador tomou nota da nossa reclamação, mas isto irritou a administração e alguns dos chefes e régulos. O preço do algodão foi depois aumentado para 2\$50 por Kg no ano seguinte, e nós sentimos que tínhamos conseguido alguma coisa.

*Ent:* A administração criou-vos algum problema?

*Mukavi:* Eles chamaram-me para me interrogar mas não me mandaram para a prisão. Interrogaram-me e eu disse-lhes o que sabia. Falei-lhes dos nossos problemas e do sofrimento, dizendo que não era apenas eu quem sofria mas toda a região. A administração deu-me um aviso dizendo “tome cuidado! Não faça esse tipo de coisas novamente”. Não obstante, sentimos que tínhamos conseguido um importante progresso porque o preço do algodão foi aumentado para 2\$50, e este preço manteve-se em vigor até 1958. De facto, pensámos que era um feito revolucionário! Em 1958, o preço foi até 3\$80 por Kg mas, nessa altura, as pessoas estavam desiludidas e tinham começado a produzir cada vez menos algodão porque achavam que estavam a ser vigarizadas quando o algodão era pesado durante a venda. Eles roubavam-nos, e por isso não tínhamos nenhum benefício material por mais que trabalhássemos.

*Ent:* Ouvimos dizer que, por causa desta vigarice, os produtores de algodão recorriam à várias artimanhas, como por exemplo, colocar seixos ou abóboras pequenas dentro do saco de algodão, para aumentar o peso. Você recorreu a isso?

*Mukavi:* Nunca fiz, não fiz isso.

*Ent:* Porque não?

*Mukavi:* Eu? Nunca sonharia em fazer isso! Eu nunca recorreria a tais artimanhas mesquinhas. Estou a dizer-lhe a verdade; nunca pus pedras nos meus sacos de algodão na tentativa de aumentar o peso. Tal como dizia, as pessoas passaram a detestar (tanto) a cultura do algodão que começaram a produzir cada vez menos. Isso foi por volta de 1960. Em 1959 [?], depois do meu regresso de uma visita ao meu filho que trabalhava em Nampula, comecei a organizar uma delegação de anciãos para ir ter com o “Chefe do Algodão” para discutirmos o problema do algodão – para lhe dizer que as pessoas



não queriam cultivar mais algodão. Alguns régulos, como o Hlomani e o Ubisse, deram-me o seu consentimento e apoio para abordar a administração.

*Ent:* Quem era o seu régulo?

*Mukavi:* O meu régulo era o Hlomani. Eles (os régulos) acompanharam-me até ao Chefe do Algodão, de Oliveira (?) que vivia em Chókwè. Eu fui o porta-voz que transmitiu a mensagem de que as pessoas não queriam mais continuar a cultivar algodão. Não se podia esperar que as pessoas continuassem com o cultivo quando não recebiam nenhum benefício do seu trabalho.

Não houve resposta (do Chefe do Algodão) até o fim de 1959. 1960 veio e foi, mas ainda não havia resposta. Em 1961 fui sozinho ter com o administrador e perguntei-lhe “Que tipo de pessoas são vocês, funcionários do governo português, que se preocupam apenas com a vossa família e amigos, e não com os negros? Estão a esquecer-se de que foi Deus quem colocou os negros nas vossas mãos a fim de eles trabalharem para vocês?” O administrador ouviu em silêncio, mas estava surpreendido por aquilo que eu disse. Ele perguntou-me então donde é que vinham estas minhas ideias. O administrador apreciou a minhas palavras porque mais tarde enviou um tractor para vir lavar a minha machamba – a minha machamba de algodão. Esta foi uma demonstração prática de que ele apreciou as minhas palavras. Ele (realmente) disse que ninguém lhe tinha alguma vez dito algo como aquilo, que as minhas palavras o tinham comovido, e que tentaria fazer alguma coisa em relação às queixas. (Depois) o preço do algodão subiu para 4\$00 por Kg.<sup>11</sup>

*Ent:* A ajuda com o tractor foi só para si?

*Mukavi:* Ele só me ajudou a mim. Ele fez isso para me agradecer pelas palavras que lhe tinha dito. Ele disse que vinha agradecer-me pelas coisas que eu lhe disse porque é muito raro as pessoas terem coragem para dizer coisas como aquelas. Mais tarde o administrador ficou doente, mas o cultivo do algodão nunca melhorou.

---

<sup>11</sup> Com o fim do indigenato em 1960 mudou também o regime de cultivo de algodão, levando eventualmente a Algodoeira do Sul do Save a desistir da sua concessão. Sobre as mudanças do regime ver Hedges 2002.

*Ent:* Você disse que o preço do algodão subiu para 4\$00 por Kg?

*Mukavi:* O preço do algodão foi aumentado para 4\$00 o Kg (mas) a produção não melhorou. O administrador foi então substituído por outro (que tinha a alcunha) de *Matanato*.

*Ent:* Qual era o seu nome europeu?

*Mukavi:* Não me lembro do seu nome verdadeiro.

*Ent:* Não era Manuel Matos?

*Mukavi:* Não, era M-a-t-a-n-a-t-o<sup>12</sup>.

*Ent:* *O que traz problemas!* [Mensageiro de problemas].

*Mukavi:* Sim, foi o administrador “Bulgare”<sup>13</sup> Ele causou muito sofrimento nesta zona. Muitas pessoas foram presas por não poderem pagar o imposto de palhota e (mesmo) os chefes foram obrigados a trabalhar. Por esta altura havia muitos inimigos que estavam à procura de um pretexto para me meter em problemas.

Certa vez, houve um colono que tentou aumentar a sua manada de gado usando artimanhas com certos criadores africanos. Esse homem decidiu ir a Portugal (de férias), mas antes de partir, pediu aos irmãos Mabunda, filhos de Njanganja, para cuidarem do seu gado enquanto ele estivesse fora. No seu regresso após um mês de férias em Portugal, o colono foi ter com o administrador Bulgare e apresentou queixa contra os irmãos Mabunda por roubo. Os dois jovens foram presos e enviados para a prisão. Entretanto, a polícia, chefiada pelo polícia Maringo, foi à casa dos Mabunda e levou cinco cabeças de gado que, segundo o colono, haviam sido roubadas pelos dois irmãos. Como eu já era conhecido na zona, a família Mabunda abordou-me para intervir. Como fui mal recebido quando fui ao gabinete do administrador para fazer algumas averiguações sobre o caso, decidi levar o assunto para Xai Xai (a capital provincial), ao governador, cujo nome esqueci. Quando o administrador recebeu a convocatória para ir a Xai Xai por causa deste problema e descobriu que tinha sido eu quem tinha comunicado o assunto a Xai Xai, jurou que (mais cedo ou mais tarde) havia de tratar de mim.

---

<sup>12</sup> Segundo uma nota de J.P. Borges Coelho (Rafael 2001) o administrador Saul Dias Rafael tinha a alcunha de *Matanato*.

<sup>13</sup> João da Luz Bourgard. Ele veio provavelmente em 1969 (cf. *Anuário da Província Moçambique 1970-71*) e ainda estava lá em 1971.

Mais tarde o meu caso foi reportado à PIDE, com a alegação de que eu estava a desencorajar as pessoas de cultivar algodão em Guijá, mas não fui preso. Contudo, ouvi dizer que o problema tinha sido apresentado à PIDE. Uma vez, durante uma visita ao meu filho, Luís, em Xai Xai, fiquei a saber que o chefe da PIDE tinha atacado violentamente um homem que foi parar ao hospital, onde o meu filho o tratou. O homem, chamado Ghelezi, era um grande caçador do Guijá.

Quando o chefe da PIDE descobriu que o Mukavi (o meu filho) trabalhava no hospital, chamou-o ao seu gabinete e interrogou-o sobre o cultivo de algodão no Guijá. No decurso deste interrogatório, durante o qual o Luís alegou ignorância acerca da questão, o homem da PIDE disse-lhe que ele não tinha problema nenhum, pois de facto estava era à procura de mim. Quando o Luís lhe disse que eu estava na cidade naquele momento, o chefe da PIDE deu instruções para eu comparecer no seu gabinete às 9.00 horas da manhã seguinte.

Cheguei no gabinete na hora indicada, para responder a perguntas sobre o estado do cultivo do algodão no Guijá. O chefe da PIDE perguntou-me o que é que eu sabia acerca disso. A minha resposta foi que, de facto, o cultivo do algodão estava a “matar” pessoas no Guijá; que algumas tinham sido presas por falsas acusações relacionadas com o cultivo de algodão, e que jaziam nas cadeias da PIDE. Os administradores oprimiam as pessoas e causavam um sofrimento indescritível nas famílias.

O chefe da PIDE ouviu cuidadosamente e então respondeu: Mukavi, disse, ouvi dizer que, embora algumas pessoas como eu tenham nascido em Moçambique, serão um dia expulsas do país. Também ouvi dizer que a luta está agora perto de Cahora Bassa e que está a ser feita uma tentativa para destruir a barragem. Eu nasci em Vila Pery.

Eu disse-lhe que era verdade, que um dia ele teria que deixar o país. Esta resposta surpreendeu-o, e ele então perguntou-me onde é que eu tinha nascido e onde é que vivia. Ele tomou notas enquanto eu falava, e prometeu visitar-me em casa.

Voltei para casa no dia seguinte, que era um domingo, e o chefe da PIDE apareceu na minha casa no dia seguinte, onde encontrou a minha mulher sozinha, visto que eu tinha ido ao hospital. A minha

mulher apanhou um grande choque quando o homem se apresentou, e mandou imediatamente informar a todos os nossos parentes (para avisá-los sobre o que podia estar iminente). O homem foi-se embora, dizendo que voltaria para me ver por volta das 16.00 horas desse mesmo dia.

Quando estava a sair do hospital do Guijá, ouvi subitamente um chiar de rodas ao mesmo tempo que um carro parava subitamente. O chefe da PIDE saltou do carro e disse-me que acabava de vir da minha casa, onde a minha mulher lhe tinha dito que não sabia para onde é que eu tinha ido. Eu perguntei-lhe, de passagem, se ele esperava realmente que a minha mulher revelasse o meu paradeiro! Quando ele me perguntou se eu estaria disponível para recebê-lo em casa à tarde, eu disse-lhe que não tinha escolha senão obedecer à sua ordem e ficar à sua disposição, mesmo que tivesse outras coisas a fazer.

O chefe da PIDE chegou às 14.00 horas, num carro conduzido por um motorista. Ele estava para entrar na minha casa quando eu o detive e lhe disse: Estou muito feliz por receber o chefe da PIDE em minha casa, “viva o Gabinete da PIDE!” É uma grande honra para um pobre homem como eu ter a sua visita. Quando o vejo, eu (sinto-me como) se estivesse a ver (o próprio) Infante Dom Henrique e o Beira-Mar. Os portugueses foram enviados para viajar e atravessar os oceanos à procura do negro que necessitava da sua ajuda!

Mas, veja, (há) outros que estão para tomar as vossas colónias. (Embora) vocês ainda tenham Moçambique, Angola e Guiné Bissau, estas não-de ir, senhor chefe! Isto foi em 1961, e eu disse-lhe que os portugueses nunca ganhariam a luta armada, e que seria melhor começarem a negociar com os nacionalistas negros.

O oficial da PIDE começou então a fazer-me perguntas sobre o cultivo do algodão, e (mais uma vez) expliquei-lhe a situação. Quando ele disse que tinha sido informado de que havia indivíduos que estavam a organizar outros para resistir à cultura obrigatória do algodão, eu disse-lhe: chefe, porque não me diz directamente que estou a ser acusado de tal delito? Eu disse-lhe que alguns anciãos e eu fomos falar com o *encarregado do algodão* em 1959, e de novo em 1961. Se ele quisesse qualquer informação sobre esses encontros,

disse-lhe, podia obtê-la com esse funcionário. Ele estava particularmente interessado no preço do algodão, e depois de eu lhe explicar a situação, ele pareceu concordar comigo que os produtores não recebiam o preço justo pelo seu trabalho. Antes de se ir embora, perguntou-me se eu podia vender-lhe alguns patos, e eu vendi-lhe dois.

*Enr:* Lembra-se do nome do funcionário?

*Mukavi:* Não me lembro do seu nome, mas devem tê-lo no Xai Xai. Ele voltou para a minha casa em Agosto, acompanhado pelo encarregado do algodão. Eu estava ocupado a construir aquela cabana ali quando eles chegaram. A sua visita fez-nos ficar inquietos – ficámos com medo. Mas o chefe da PIDE assegurou-me que não havia nada a temer, e que tinha trazido o outro homem para que eu pudesse explicar-lhe pessoalmente alguns dos problemas relacionados como o cultivo do algodão. Eu disse-lhe que tinha ficado muito aliviado ao ouvi-lo dizer que não havia problemas, porque estas visitas significavam sempre perigo.

Seguiu-se uma curta conversa, durante a qual percebi que o encarregado do algodão era o mesmo homem que uma vez correra comigo do seu gabinete quando fui lá para encontrar um homem chamado Mhlayeli, que tinha sido preso. Ele evitou que eu visitasse Mahlayeli com a justificação de que este não tinha nenhuma relação comigo. Quando ele veio para a minha casa também me reconheceu, mas deu a impressão de estar contente – como se nunca tivesse acontecido nada de desagradável entre nós.

(As circunstâncias em que Mukavi se encontrou com o encarregado do algodão, quando foi rudemente tratado, foram as seguintes):

*Mukavi:* O administrador, (senhor) “Bulgare”<sup>14</sup>, aceitou suborno de um colono chamado Correia que vivia em Chibabela, o que permitiu que este alargasse a sua machamba até às terras do Guijá, que pertenciam aos Mabunda. Este terreno roubado foi depois vedado, impedindo o acesso aos donos. Os chefes de Mabunda não haviam

---

<sup>14</sup> N.E.: João da Luz Bourgade. Em 1971 havia histórias de burla, extorsão de suborno a cantineiros indianos, etc. que se contaram entre funcionários Lourenço Marques sobre este administrador.

sido consultados antes de o administrador dar o terreno ao colono português. Quando se pediu ao administrador que explicasse por que razão o terreno tinha sido dado ao colono, ele disse aos Mabunda que esse terreno tinha sido comprado ao governo. Os Mabunda decidiram então impedir o colono de entrar na área e fazer uso da terra. Em resposta a esta acção, 6 homens, incluindo o seu chefe, foram presos e acusados de “terrorismo”, tendo sido enviados para Xai Xai, onde foram encarcerados como criminosos. O administrador alegou efectivamente que os Mabunda tinham tentado matar o Correia, o colono, que tinham danificado o seu tractor e ameaçado matar o condutor que estava a tentar abrir uma nova estrada na terra em disputa. Ele alegou ainda que, quando o abordaram, os 6 homens estavam armados com lanças e *pangas*, tendo ameaçado de o matar a ele também.

Depois da detenção e prisão dos 6 homens, os Mabunda chamaram-me para tentar ajudar. Eu disse-lhes que o caso estava na PIDE e já não era possível ninguém intervir e prestar ajuda. Mas, mesmo assim, ganhei coragem e abordei as autoridades. A resposta que recebi quando perguntei sobre os homens presos foi: “...aqueles homens são criminosos – são terroristas. (Eles) queriam assassinar o Correia; queriam assassinar o administrador”, e queriam matar o condutor do tractor. (Eles explicaram que, de maneira nenhuma) o Correia tinha intenção de alargar a sua machamba para dentro do Guijá – os que demarcaram o terreno tinham cometido algum erro.

Chamei a atenção para o facto de (este era ainda outro caso) as pessoas estarem a ser incriminadas pelo administrador com base em falsas acusações. Pedi que o governo enviasse um agrimensor para o Guijá para verificar e determinar a extensão da ocupação ilegal da terra dos Mabunda pelo Correia. O agrimensor que foi enviado verificou que o Correia havia ocupado ilegalmente cerca de 20 hectares de terra que pertenciam a Guijá (Reserva). Mas não houve resposta sobre quem o tinha autorizado a ocupar aquela terra. Depois disso, as mulheres dos presos foram proibidas de visitar os seus maridos. Elas perguntaram-me se podia ajudar, e eu viajei com elas para Xai Xai para falar com o chefe da PIDE. Pedi-lhe para considerar a libertação de seis homens que não só estavam presos

sob a falsas acusações, como também durante os três meses de encarceramento não lhes tinha sido permitido ter roupa limpa de casa. Foi durante esta reunião que o chefe da PIDE confidenciou-me as conclusões do agrimensor (que o Correia tinha penetrado muito na área de Guijá). Ele prometeu-me que os homens seriam libertos no devido momento, e que a demora da sua libertação devia-se ao facto de ser necessário tratar o caso com cautela, porque autoridades superiores – o administrador e o Governador Geral estavam envolvidos no assunto. Ele disse que era importante que a posição do administrador não prevalecesse sobre a do Governador Geral. Os homens foram libertos na devida altura e eu salvei a terra(!) Há muito mais para dizer mas temos que parar por aqui.

*Ent:* Conhece algumas pessoas que resistiram à cultura obrigatória do algodão fervendo as sementes e que depois abandonaram o país para se fixarem na África do Sul?

*Mukavi:* Ah! Os que abandonaram o país são os que viviam na fronteira, e foram-se embora por causa da cultura obrigatória do algodão.

*Ent:* Viviam na fronteira?

*Mukavi:* As pessoas de Massingir. Elas sofreram e algumas fixaram-se definitivamente na África do Sul. Os anciãos de Massingir estavam presentes na reunião de 1958; eles sofreram connosco.

*Ent:* Gostaria que voltasse um pouco atrás, para a época em que trabalhava para a família francesa em Lourenço Marques. Teve contacto, nesse tempo, com a Associação Negrófila; participou nas suas reuniões?

*Mukavi:* O Instituto Negrófilo começou a existir durante a minha estadia em Lourenço Marques.

*Ent:* Você era membro do Instituto?

*Mukavi:* Era, e depois fiz propaganda pelo Instituto em Gaza.

*Ent:* Fez propaganda?

*Mukavi:* Fiz propaganda em Chibuto, Bilene Macia e noutras partes.

*Ent:* Havia outras pessoas que o ajudavam a fazer propaganda do trabalho do Instituto?

*Mukavi:* Não aqui.

*Ent:* Não aqui, mas (em qualquer outra parte) em Gaza?

*Mukavi:* Em Gaza – fui o primeiro em Gaza.

*Ent:* Não havia problema nem perigo em fazer este trabalho de propaganda para esta organização?

*Mukavi:* Não havia problemas; não havia perigo porque o governo não tinha proibido as pessoas de se tornarem membros desta organização.